

Fraternidade Sacerdotal Iesus Caritas. Espanha

RETIRO DE PÁSCOA 2020

A VIDA PARA O IRMÃO CARLOS



A vida do último

PRIMEIRO DIA.

Quarta-feira, 15 de abril

Revedo o cântico de Filipenses (Fip 2,6-11), que aprofundamos nestes dias da Semana Santa, e oramos com ele, estamos com o irmão Carlos em seu aprendizado de abnegação, como o discípulo que aprende com seu mestre: ***“Ele desceu: ele desceu a vida toda, descendo quando encarnou, descendo quando menino, descendo obedecendo, descendo ficando pobre, abandonado, exilado, perseguido, executado, sempre se colocando em último lugar”***. Carlos de FOUCAULD, “Escritos Espirituais”.



O aristocrata se torna um servo, o senhor do castelo vai morar na vila, tira o título e se torna irmão. Como podemos entender o último local se permanecermos no local habitual ou até tentarmos subir, subir posições? Quantas vezes nos enganamos pensando que já somos humildes?



A imitação de Jesus, como ensinamento de Carlos de FOUCAULD e constante desejo de sua conversão, sabemos que consiste em orar, trabalhar, amar, acompanhar, perdoar, como Jesus fez, e também ser feliz como ele, mostrando a Misericórdia do pai, em todo gesto, toda palavra. *“A misericórdia não é fabricada: é recebida. O presente de Deus não é comprado, não é vendido, não retorna a ligação. Dê livremente sem esperar nada, sem que ninguém perca a esperança. Arrisque amar até o fim”*. Jacques GAILLOT em “Feliz o Misericordioso”, 10 de setembro de 2016 em iesuscaritas.org

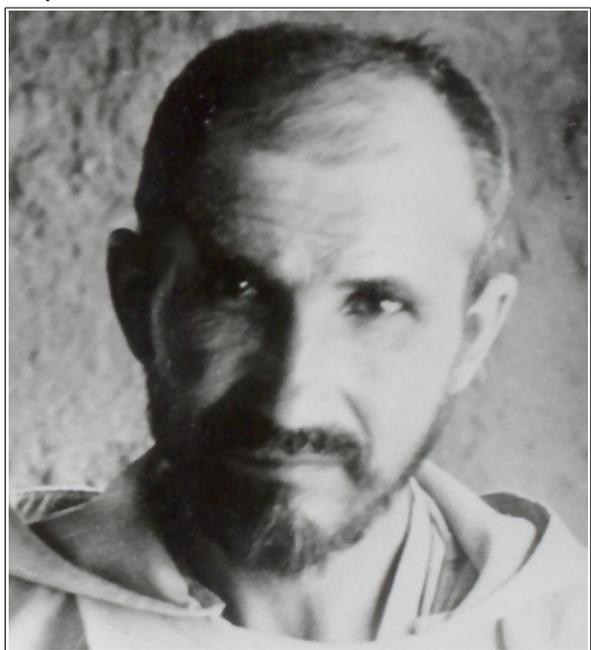
Certamente estamos experimentando nestes dias de "vida oculta", confinados, sem nada em nossas agendas, com as velas de nossos navios dobrados, esperando um vento favorável, um estilo Nazaré muito especial.

O chamado para ser missionário deve estar permanentemente em nossos corações; não participar da vida das pessoas, visitar os doentes, receber amigos e pessoas que vêm a

nossa casa e tantas coisas que não podemos fazer durante essa pandemia podem ajudar-nos a rever o significado da missão. É muito provável que sintamos falta dos outros, como sentimos a nossa falta em uma situação normal. Nós nos tornamos os últimos por imposição. Devemos ser os últimos porque nosso Mestre foi feito dessa maneira, e é assim que aprendemos todos os dias.

Tudo isso nos torna mais conscientes das realidades do nosso mundo. Vivemos em uma Europa confortável que está cambaleando, uma Europa fechada em si mesma: *“A Europa dos povos está prestes a ser construída. É o significado da história. Sacrificar homens pelo bem da economia, deixando os países do Terceiro Mundo de lado, não se tornará a Europa dos povos. Qual será o futuro das comunidades imigrantes? Parece-me no Tratado de Maastricht que os imigrantes pagam o pato por uma Europa forte que dá um pouco mais de altura a seus muros.”* Jacques GAILLOT, “Eu tomo minha liberdade ...”, Nueva Utopía

Essa Europa, que sofrerá uma crise econômica que ainda não conhecemos seu alcance, que será a crise humanitária de tantas pessoas - que realmente é o mundo dos últimos, daqueles que sempre foram os últimos - aprenderá a estar no seu em vez disso, para saber ouvir melhor, aplicar uma política de olhar menos para o umbigo e olhar para o mundo sem medo. Algo assim pode acontecer na América do Norte ... E, como Igreja, poderíamos dizer o mesmo.



Do pequeno, que sempre foi sem importância aos mais ricos, o irmão Carlos constrói um sonho. Era algo que ele não via realizado, como uma utopia inatingível - um desafio do Reino - e, no entanto, estamos gostando disso, porque nos ajuda em nossas vidas a viver simplesmente, compartilhar, ser fraternidade, não olhar ninguém acima de nós, para não ser submisso ao consumo feroz, ou como sacerdotes, para celebrar a fé do povo, do qual fazemos parte, sem barulho ou rituais complicados, fazendo parte da história da vida das pessoas porque elas são importante para nós. *“Em solidariedade com os pobres. Esta Páscoa tem sua própria cor. Nossa ambiguidade pessoal parece um pouco mais clara, iluminada pelos pobres. Alguns que andam com Jesus ficam desconcertados com as palavras de denúncia e com a exigência de seus direitos e,*

consequentemente, querem silenciar a voz dos pobres e daqueles que demonstram solidariedade com eles. Os oprimidos também têm medo de morrer no deserto como os judeus, e pedem o que temos. A história, com seus contratempos e trevas, nos leva a perder de vista o Deus que parece perdido e distante na montanha, enquanto ao nosso lado são feitos ídolos de emergência feitos de ouro brilhante.” Benjamín GONZÁLEZ BUELTA, “Desça ao encontro de Deus. A vida de oração entre os pobres”, Sal Terrae

A Páscoa, nesta Páscoa em solidão, na Nazaré doméstica, é uma oportunidade de apreciar novamente as pequenas coisas, as boas novas, os amigos ou a família que sentimos falta.

A Páscoa nos coloca no contexto da alegria dos pequeninos, os últimos, onde Jesus está sempre presente, com a porta aberta para ser convidada à mesa dos pobres, ou a cortina fechada porque não há porta. Não vamos passar por aqui, pensando em lugares melhores. A adoração de Jesus é agora aquela humilde casa onde estar com ele, com

todos os pobres do mundo, diante de quem não precisamos de palavras.

Vamos agora fazer um tempo de adoração. Não para pensar no que escrevi, mas para olhar para Jesus, aquele que se tornou o último e foi o Amado do irmão Carlos.

Para nossa revisão de vida::

1 Vivo mais a minha vida (tempo, trabalho, disponibilidade, recursos pessoais, potencialidades ...) do que em função do meu ser missionário, da minha dedicação aos outros? Por que e de que maneira?

2 No confinamento e na pandemia que vivi, o que aprendi da minha própria experiência interior e das experiências, valores, dor, vida e morte de fora?

3 Páscoa, como todas as Boas Novas anunciadas aos pobres, em que aspectos, atitudes ou abordagens da minha vida é uma conversão, uma mudança, um chamado? Posso imaginar ou estou vivendo isso?

